



## IGREJA CATÓLICA

# "Todos somos migrantes"

Em visita a centro de acolhida no arquipélago das Ilhas Canárias, papa Leão XIV se reúne com sobreviventes da travessia no mar, adverte que "a dignidade humana não tem passaporte" e critica traficantes. Capitão que salvou 20 mil pessoas fala ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

O último dia de visita do papa Leão XIV à Espanha foi marcado por um encontro com migrantes que arriscaram a própria vida em busca de um futuro melhor. Diante de centenas de migrantes e de voluntários, reunidos no centro de acolhimento "Las Raíces", situado no arquipélago das Ilhas Canárias, Leão XIV afirmou: "Todos, de algum modo, somos migrantes; todos somos peregrinos a favor da Pátria celestial". "Ajudemo-nos a fazer desta travessia um lugar mais humano para todos", pediu.

No porto de Arguineguín, o líder católico jogou flores ao mar, em tributo às milhares de pessoas que morreram durante a tentativa de chegar às Ilhas Canárias. Ele se emocionou com o depoimento de Tito Villarmea, capitão do navio de resgate marítimo Urania e responsável por salvar 20 mil migrantes nos últimos 18 anos. Também criticou a "indiferença" em relação aos migrantes. "A dignidade humana não tem passaporte", declarou. No cais de Arguineguín, Leão XIV abençoou um crucifixo azul desbotado fabricado a partir da madeira de uma embarcação de migrantes.

Durante a passagem pelas Ilhas Canárias, o papa mandou um recado aos traficantes humanos que exploram o desespero alheio para ganhar dinheiro. "Hoje existem monstros que espreitam esses mares: máfias que traficam o desespero, traficantes que escravizam mulheres e homens, e a indiferença de muitos que permitem que os pobres sejam engolidos pela exploração ou pelo esquecimento", declarou o religioso, ao exortar os criminosos a se converterem.

### Integração

Leão XIV defendeu que os países facilitem a integração dos migrantes. "Integrar não significa apagar a história daqueles que chegam, nem exigir que deixem para trás o que faz parte de sua memória", disse. "Aqueles que chegaram como estrangeiros podem redescobrir laços, reconstruir a

**1.200**  
Número de pessoas que morreram ou desapareceram na rota da África às Ilhas Canárias em 2025

confiança e sentir-se parte integrante de uma comunidade."

Em entrevista ao **Correio**, o capitão Tito Villarmea classificou o encontro com Leão XVI de "muito emotivo". "Ele deu visibilidade ao trabalho que fazemos no salvamento marítimo e a partir das Ilhas Canárias, que tanto sofrem o problema da imigração. Foi muito importante a primeira visita de um Santo Padre a uma zona tão afetada pela imigração", disse.

Villarmea rejeita o título de "herói". "Não me considero em nada um herói. Sou um trabalhador, que ama seu emprego, assim como tantos outros companheiros. O sentimento é contraditório: algumas vezes, resgatamos muitas pessoas; outras vezes, elas ficaram para trás, no mar. Estamos falando da rota migratória mais perigosa do planeta", afirmou. "Muitos migrantes perdem a vida. Mas, graças ao serviço que prestamos, muitas outras vidas conseguem chegar ao destino em segurança. São pessoas em busca de uma vida melhor."

Segundo Villarmea, os botes chegam sobrecarregados de pessoas, incluindo muitas mulheres grávidas e vários bebês, que estão na jornada há muitos dias e chegam extremamente cansadas. O capitão contou que o papa agradeceu pessoalmente a ele e sua equipe pelo salvamento marítimo e pela humanidade nesse trabalho. "Eu devolvi-lhe a gratidão, por dar visibilidade às Ilhas Canárias, que tanto sofrem com a imigração e por sua visita em pessoa. Vi um papa muito comprometido com o salvamento e com os migrantes resgatados."

Leão XIV condenou a postura da Europa, onde governos agem sob pressão da extrema-direita, em relação à política migratória. "A Europa não pode proclamar a dignidade humana e se acostumar com o Mediterrâneo e o Atlântico sendo cemitérios sem lápides", advertiu.

Pierre-Philippe Marcou/AFP



O pontífice cumprimenta Tito Villarmea, responsável pelo navio de resgate marítimo Urania: "Ele nos agradeceu pessoalmente pelo nosso trabalho"

Stefano Rellandini/AFP



O flagrante do abraço a criança migrante, em San Cristobal de la Laguna, perto da cidade de Santa Cruz de Tenerife: contra a indiferença

Simone Resoluti/AFP



### De carona no avião do rei

Uma pane técnica levou o rei Felipe VI a oferecer a própria aeronave a Leão XIV. O monarca acompanhou o embarque do líder católico aos pés da escada. O avião da companhia Iberia encontrava-se na pista do aeroporto de Tenerife Norte, quando o comandante anunciou o problema técnico no motor. O papa teve que desembarcar e retornar ao terminal. Por fim, o papa embarcou no avião militar do chefe de Estado espanhol, que lhe foi oferecido "gentilmente", segundo o Vaticano, e decolou com alguns membros de sua comitiva com destino a Roma.

## CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ  
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

# O futebol já jogou pela concórdia

As controvérsias de ordem político-diplomática que marcam a largada para a maior Copa do Mundo de todos os tempos, com 48 participantes e três sedes, contrastam com o papel que o futebol — e o esporte, em geral — já desempenhou como uma espécie de aliado da diplomacia. A guerra dos EUA, um dos coanfitriões, contra o Irã, um dos competidores, teve impactos para além do terreno puramente esportivo, e será, ao menos na fase inicial do torneio, um fantasma pesando sobre o clima de festa que se espera para o maior evento do esporte mais popular do mundo.

Os dois países, por sinal, protagonizaram em 1998, na Copa da França um momento com sentido exatamente inverso. Na ocasião, Bill Clinton ocupava a Casa Branca. Em Teerã, o presidente era um religioso reformista, Mohammad Khatami, que vinha buscando engajamento com o arquirrival — foi o primeiro alto dirigente da República Islâmica a dar entrevista para a TV estadunidense. A tabela da Copa colocou as duas seleções frente a frente

em uma partida eliminatória. O Irã seguiu em frente, e o episódio entrou para a história como o "jogo da paz".

Hoje, o time iraniano faz os três jogos da primeira fase nos EUA, mas foi obrigado a hospedar-se no México. Jogadores e comissão técnica receberam visto — a contragosto, aparentemente — pra permanecer no máximo 36 horas em solo norte-americano, a cada jogo.

### Trégua para o Rei

A mitologia da bola cultua um episódio de veracidade ainda discutida, mas incorporado, definitivamente, à história de Pelé. Em 1969, o Santos fazia excursão de amistosos pela África e tinha partida prevista na Nigéria. Na ocasião, o país atravessava um conflito civil de cunho separatista, que ficou conhecido como Guerra de Biafra — nome da província que tentou, sem sucesso, constituir um país independente.

Reza a lenda que, em nome de garantir que o time brasileiro, então uma grife

internacional do futebol-arte, pudesse se dirigir em segurança para o local do jogo, rebeldes e forças federais teriam acertado um cessar-fogo breve e informal. Entre história e mitologia, o caso está plasmado na história do Santos e já inspirou um uniforme comemorativo.

### Paz na tela

Como ficção assumida, o cinema colombiano se inspirou na Copa de 1994, nos EUA, para o roteiro do clássico *Golpe de estádio*. A trama se desenrola em um povoado do interior onde a instalação de uma multinacional petrolífera transformou-se em chamariz para ataques da guerrilha. Até o dia em que a seleção colombiana vai a Buenos Aires enfrentar a Argentina, e há no vilarejo apenas um aparelho de TV disponível para que se assista ao jogo. Rebeldes e policiais pactuam um cessar-fogo informal para que todos possam torcer. A Colômbia — aqui, o elemento factual — goleia por 5 a 0. E, antes de voltarem aos combates, uns e outros comemoram juntos.

## Guerra Fria

De volta à história em sentido estrito, um WO de fundo político custou à hoje extinta União Soviética a chance de uma vaga na Copa de 1974, disputada na Alemanha. Em novembro do ano anterior, em plena Guerra Fria, o time soviético teria de enfrentar repescagem contra o Chile no Estádio Nacional de Santiago. Dois meses antes, o general Augusto Pinochet tinha liderado um sangrento golpe militar contra Salvador Allende, o primeiro socialista a se eleger presidente na América Latina.

O estádio serviu como centro de detenções e tortura onde foram assassinados numerosos presos políticos. Entre eles, o popular cantor e compositor comunista Victor Jara. O governo de Moscou tentou negociar outro local no Chile para a partida, mas a Fifa recusou os pedidos. Os soviéticos não foram e a seleção de Pinochet carimbou o passaporte para o Mundial.

### Guerra quente

Passados 12 anos, a Fifa teve de administrar, no México, um cruzamento

que a tabela do torneio teimou em promover. No mesmo Estádio Azteca, onde o Brasil desfilou para o tri em 1970 e onde acabou de ser dado o pontapé inicial para a "mãe de todas as Copas", Argentina e Inglaterra disputaram quartas de final. Quatro anos antes, os dois países haviam travado uma guerra breve, porém sangrenta, pela soberania das Ilhas Malvinas — arquipélago reivindicado por Buenos Aires, mas ainda hoje dominado por Londres, sob o nome de Ilhas Falkland.

O aparato de segurança montado não impediu confrontos entre os barbas bravas argentinos e os hooligans ingleses. Aqui e ali, torcedores exibiram cartazes com o lema "Malvinas argentinas". Derrotada no campo de batalha, em 1982, a Argentina foi à forra comandada por Diego Maradona. "El Pibe" abriu o placar com o imortal gol irregular ignorado pela arbitragem e eternizado pelo artilheiro com o nome de "mão de Deus". Maradona fechou a conta com o lance antológico e eternizado pelo artilheiro em sequência, terminando pelo goleiro.

Dali, a seleção do técnico César Luis Menotti avançou para o bicampeonato.